

O “OUTRO” DA CIVILIZAÇÃO: DIFERENÇA E IDENTIDADE COLONIAL NA LITERATURA

Cláudia Caimi
Unijuí/RS

A postura da crítica comparatista de buscar invariantes se caracterizou, até há bem pouco tempo, por um caráter etnocêntrico, que tomava como modelo as literaturas dos países hegemônicos, euro-norte-americanos, apresentando as literaturas que não faziam parte deste eixo como manifestações de dependência cultural, pois atribuíam a estas o cânone e os parâmetros instituídos a partir daquelas. Essa postura não possibilita que a mesma trate com a diversidade da literatura, pois o terceiro elemento, o que permite a comparação, tende a ser essencialista, não oportunizando espaço às divergências enquanto diferenças. Buscar uma imagem deslocada e descentrada, que promova vínculos de agenciamento em uma série de encontros não necessários nem sujeitos a relações de causalidades, é o desafio imposto aos estudos comparatistas a partir dos anos 80.

Conforme Eduardo Coutinho (1996), o questionamento dessa postura universalista levou a aproximação do comparatismo às questões de identidade nacional e cultural, tais como a articulação da percepção dos produtos culturais locais em relação aos produtos de outras culturas com as quais eram mantidos vínculos de subordinação. Dessa forma, a crítica comparada tem assumido e enfatizado o elemento político nos estudos comparatistas, pois agora busca as diferenças culturais, refletindo sobre a situação de desigualdade entre os países e não mais acentuando e ratificando a dependência do estado de colonialismo cultural.

É desse ponto de vista que pretendemos ler *O informe de Brodie*, do argentino Jorge Luis Borges, considerado um dos maiores autores latino-americanos deste século. Borges é, muitas vezes, acusado de reacionário e elitista, pois, apesar de latino-americano, diz uma parte da crítica, preferiu

assumir uma posição literária europeizada, de caráter fantástico e metafísico, desvinculada de sua origem colonizada. A questão que se impõe diante da obra que vamos analisar é até que ponto ela aceita ou se rebela aos valores etnocêntricos impostos pela cultura ocidental, exaltando as diferenças entre a cultura européia civilizada e a cultura de povos considerados bárbaros, ou se o modelo etnocêntrico é desconstruído, desestruturado, eliminando as hierarquias culturais erigidas por ele.

Pretendemos, a partir das reflexões de Homi Bhabha, questionar o modo de representação da alteridade, percebendo se no conto há a legitimação do discurso colonial que se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais, culturais e históricas ou se a diferença colonial é ressaltada através do uso estratégico da ambivalência inerente ao poder colonial, estabelecendo um hibridismo que se revela ao mesmo tempo como uma semelhança e uma ameaça aos essencialismos erigidos pela cultural colonial.

O conto “O Informe de Brodie” narra, de uma forma desconstrutivista, a tentativa de cristianização dos Yahoos pelo missionário escocês David Brodie. Desconstrutivista porque o narrador, que se coloca como simples tradutor do inglês para o castelhano do relato do missionário, encontrado em meio a um exemplar das *Mil e Uma Noites*, publicado no século XIX, introduz uma série de informações que põe em dúvida tanto a autoria do relato quanto “desinteressada” tradução, alternando a escrita num jogo de presença e ausência, num deslizamento metonímico.

Num exemplar do primeiro volume das Mil e Uma Noites (Londres, 1839), de Lane, (...) descobrimos o manuscrito que agora traduzirei para o castelhano. A esmerada caligrafia (...) sugere que foi redigido nessa mesma data. Lane excedeu-se, como se sabe, em extensas notas explicativas; as margens estão cheias de acréscimos, pontos-de-interrogação, uma vez ou outra correções, a letra sendo a mesma do manuscrito. (p.115)

Traduzirei fielmente o informe, composto num inglês incolor, sem permitir-me outras omissões que as de algum versículo da Bíblia e de uma curiosa passagem sobre as práticas sexuais dos Yahoos que o bom presbiteriano confiou pudicamente ao latim. Falta a primeira página. (p.116).

Esse discurso, que introduz a narração, impõe o desconcerto e a perplexidade frente ao jogo de elementos ambíguos que oferece. No primeiro fragmento, além de o relato estar num livro que reúne narrativas orais, de caráter popular e fantástico, e num estilo vulgar e de grande licenciosidade, completado provavelmente antes do século XV, o que põe em dúvida a veracidade do relato como sendo de um missionário, o mesmo já é uma tradução de alguma língua oriental para o inglês, o que acende a discussão para o segundo fragmento. Se o narrador/tradutor para o castelhano dá-se o direito de omitir algumas partes, por ele justificadas, abre-se a possibilidade de outras omissões de outras possíveis traduções. Também a ambigüidade se instala na afirmação do narrador sobre a tradução de Lane, colocando em dúvida a autoria do texto, já que não fica claro se as anotações, acréscimos e pontos-de-interrogações são de Lane ou de Brodie, pois a letra dos acréscimos é a mesma do manuscrito.

A ambigüidade desliza sobre o discurso do narrador oferecendo um jogo de presença e ausência do discurso do colonizador, representado pelo missionário escocês e do discurso do colonizado, representado pelo tradutor para o castelhano e pelo autor. É possível perceber na fala do missionário a fala do tradutor/autor identificando os Yahoos com o povo latino-americano, já que uma das duas comparações de similaridade dos bárbaros que aparece no relato é a da igual apreensão numérica de algumas tribos que vivem nas imediações de Buenos Aires, não havendo nenhuma informação de Brodie ter algum conhecimento da América espanhola.

Disse que são quatro e este número é o maior que abarca sua aritmética. Contam com os dedos um, dois, três, quatro, muitos. O infinito começa no polegar. A mesma coisa, asseguram-me, acontece com as tribos que vivem vadiando nas imediações de Buenos Aires. (p.120)

Neste conto, Borges põe a nu um conjunto de pressuposições metafísicas que são específicas da cultura ocidental e que entre os Yahoos estão presentes no seu aspecto negativo e diferencial. As categorias antitéticas, como as relações entre claro e escuro, que embasam o discurso etnocêntrico, e as divergências entre a cultura oral e escrita, que embasam o discurso logocêntrico, estão presentes de forma diferencial.

Os Yahoos são descritos pelo missionário colonizador como um povo diferente, começando por sua linguagem que não tem vogais, fato inédito em qualquer língua conhecida, por seus “estranhos” comportamentos e pela singular predileção pelos espaços e odores lúgubres e escuros, já que preferiam “amontoar-se nos lamaçais”, tinham prazer com “coisas fedorentas” e tanto o rei era cegado e morava em uma caverna, portanto, viviam nas trevas, como acreditavam que o inferno e o céu eram subterrâneos, sendo o céu pantanoso e escuro e o inferno claro e seco. Os Yahoos são identificados com a escuridão, enquanto o civilizador branco identifica-se com a claridade, preferindo morar em uma região alta e de ar fresco e caracterizando-se como um sujeito de barba avermelhada, portanto de cor clara.

Outros elementos marcam as diferenças entre Brodie e os Yahoos. Enquanto esses defendem-se com pedras, não têm noção de temporalidade, já que não têm memória, nem de espaço, pois “uma casa com várias salas constituiria um labirinto para eles”(p120) e são pagãos, aquele cerca-se dos signos da civilização colonizadora: defende-se com arma de fogo, além de ter “um relógio, um capacete

de cortiça, uma bússola e uma bíblia”(p.120), marcas de apreensão do tempo, do espaço e de uma religião cristã.

O caráter diferencial dos Yahoos também é marcado por não dominarem a linguagem escrita, diferencialmente do missionário, que faz um relato escrito de sua estada entre eles. Porém é ressaltada a existência de inscrições que se assemelhavam à escrita alfabética usada pelos povos germânicos durante a Idade Média e que os Yahoos eram incapazes de decifrar. Daí o missionário apresentar a conjectura de que esse povo, apesar de bárbaro, não ser uma nação primitiva, mas degenerada.

Com essa afirmação, são apagados os traços que aparentemente marcam a diferença entre os Yahoos e os povos civilizados e que já se insinuavam nas comparações feitas com os filósofos cínicos e com algumas tribos que habitam cercanias de Buenos Aires. O discurso da diferença colonial aqui se instala, já que as diferenças antitéticas, que já haviam sido ressaltadas, a partir dessa afirmação e, principalmente pelo comentário final, são eliminadas:

Os Yahoos, bem sei, são um povo bárbaro, talvez o mais bárbaro do planeta, mas seria uma injustiça esquecer certos traços que os redimem. Têm instituições, gozam de um rei, manejam uma linguagem baseada em conceitos genéricos, crêem, como os hebreus e os gregos, na raiz divina da poesia e adivinham que a alma sobrevive à morte do corpo. Afirmam a verdade dos castigos e das recompensas. Representam, em suma, a cultura como nós a representamos, apesar dos nossos muitos pecados. (p126)

O discurso da diferença colonial é evidenciado ao mostrar que os Yahoos apresentam as mesmas bases culturais do mundo civilizado, apesar de se diferenciarem na condição de barbárie em que estão inseridos e que não perdem, pois os elementos de similaridade são construídos a partir da cultura civilizada, civilizando os comportamentos e costumes bárbaros dos Yahoos, mas as sombras da

barbárie, do incompreensível, se projetam sobre o missionário, mesmo quando de sua volta “Contei minha estada entre os Yahoos, mas não seu horror essencial, que nunca me deixa de todo e que me visita em sonhos”(p.126). Essa condição, no entanto, não é apresentada como negativa, como o “outro” do civilizado, mas como outra possibilidade da cultura metafísica do mundo ocidental, portanto como diferencial.

A diferença colonial altera a posição de enunciação e as relações de interpretação no seu interior, não somente o que é falado, mas de onde é falado. (1998:228)

Nesse momento, cabe ressaltar que o livro no qual o conto trabalhado se encontra apresenta onze narrativas. Dez delas se passam na América espanhola, principalmente na Argentina, somente a última, o conto aqui evidenciado, e que dá título à obra, não tem esse espaço especificado. No entanto, o lugar em que está colocado no livro, bem como a temática explorada, permite-nos compreendê-lo como a posição que Borges assume diante do trânsito cultural em que se coloca.

Borges, na postura de autor latino-americano, ao apresentar um narrador que traduz para o castelhano o discurso do colonizador - que se vê próximo do colonizado - e ao aproximar as práticas dos bárbaros Yahoos a dos povos que vivem na periferia de Buenos Aires, transfere para o povo latino-americano, e, portanto, para si a condição de bárbaros ocidentalizados, de estranhos, em confronto com seu duplo. Ou seja, assume-se como latino-americano ocidentalizado, sugerindo que, por mais estranhos que esses costumes possam parecer, representam as posturas do colonizador europeu de forma diferencial. Dessa forma, seu texto “reveste-se de uma visão múltipla e móvel capaz de dar conta das formas disjuntivas de representação que significam um povo, uma nação, uma cultura” (Coutinho,1996:69).

Ao colocar as antinomias da civilização e da barbárie, Borges discute a identidade da cultura latino-americana de um ponto de vista híbrido e plural, revertendo os efeitos da recusa colonialista. Ao mesmo tempo, discute a si e a arte que produz, que passam a assumir a mesma perspectiva. Sua obra toma para si os signos da cultura ocidental (traduz o discurso do homem europeu, que se apresenta em um livro balizador da cultura ocidental, apesar de ser de origem oriental), universalizando-se, e nesse processo cria o paradoxo de mostrar-se como autor latino-americano, justamente por romper com a hispano-americanidade. Isso se dá porque ao assumir um discurso que se quer eterno e central a partir de um espaço não central - Argentina -, mas periférico, que normalmente consumia e recebia o discurso colonial como mercadoria, Borges estabelece a descontinuidade, uma redundância, pois nomeia modificando, revelando a ausência de verdade, de centro da cultura ocidental. Diz Bhabha que “toda leitura da autoridade do hibridismo colonial desestabiliza profundamente a demanda que figura no centro do mito originário do poder colonialista”. (1998: 167)

Na obra de Borges, o Ocidente assegura sua repetição ao mudar as conjunturas históricas e discursivas, encontra-se com uma imagem peculiarmente deslocada e descentrada de si mesmo, revelando sua *différance*. Faz isso a partir da *mímica*, de uma escrita, como diz Homi Bhabha (1998, 135), que repete mais do representa, fazendo emergir a visão européia deslocada.

Na mímica, a representação da identidade e do sentido é rearticulada ao longo do eixo da metonímia. Como lembrou Lacan, a mímica é, como a camuflagem, não uma harmonização ou repressão da diferença, mas uma forma de semelhança que difere da presença e a defende, expondo-a em parte, metonimicamente. Sua ameaça, eu acrescentaria, vem da prodigiosa e estratégica produção de “efeitos de identidade” conflituosos, fantásticos e

discriminatórios, no jogo de um poder que é alusivo porque não esconde nenhuma essência, nenhum ‘si-próprio’”.

Borges elabora um discurso no qual o “outro” devolve sua imagem ao sujeito que vê de forma alienante, num processo de substituição e fixação em que há um vestígio de ausência, perturbando o reconhecimento e a negação da diferença. O caráter subversivo é percebido na recusa estratégica da diferença cultural histórica presente no discurso traduzido.

Em Borges, o próprio discurso já desafia o princípio logocêntrico da não-contradição, insistindo nos paradoxos do duplo e da repetição e criticando a suposta homogeneidade cultural de que a língua sempre se travestiu. Ao construir um texto que é ao mesmo tempo do colonizador e do colonizado, o discurso apresenta-se como híbrido, em oposição ao espaço monocultural. Além disso, a similitude entre o bárbaro e o civilizado é construída do ponto de vista da civilização, “redimindo” a barbárie e ao mesmo tempo reestabelecendo seu lugar enquanto outro.

Borges, ao erigir seu discurso/texto da margem-limite do Ocidente, oferece uma imagem deslocada e descentrada do discurso colonial, denunciando as estratégias discursivas do poder discriminatório metropolitano por ocupar o espaço fora do centro que o produz e o ignora. Ou seja, é justamente por repetir o discurso colonial, o cânone ocidental, a partir da periferia, que Borges assume uma postura de autor latino-americano. Posicionando-se como o “outro” e, ao mesmo tempo, assumindo o discurso ficcional e metafísico do Ocidente, revela a lacuna da cultura ocidental.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In:

HOLLANDA, Heloísa Buarque. (Org) **Pós-modernismo e política**. São Paulo: Rocco, 1991.

_____. Signs taken for wonders. In: ASCROFT; GRIFFITHS & TIFFIN (Eds.) **The post-colonial studies reader**. London: Routledge, 1995.

_____. Cultural diversity and cultural differences. In ASCROFT; GRIFFITHS & TIFFIN (Eds.) **The Post-colonial studies reader**. London: Routledge, 1995.

_____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.

BORGES, Jorge Luis. **O informe de Brodie**. Porto Alegre: Globo, 1976.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone.

Revista Brasileira de Literatura Comparada, Rio de Janeiro, n.3, , p. (67-73), 1996.

TORO, Antônio Morales. Literatura y territorio en America Latina (Contribuciones a una teoría de la literatura hispano-americana). **Humanidades em Revista**. Unijuí, v.1, n.2, dez.1995.